

## DENÚNCIAS NO CONGRESSO NACIONAL

# CPI poderá ser criada para investigar venda de títulos federais pelo Santander

Uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) pode ser criada pela Câmara dos Deputados para investigar a venda de R\$ 4 bilhões em títulos federais pelo Santander, em 2001, um ano após adquirir o Banespa. Os papéis faziam parte da federalização da dívida do Estado de São Paulo de R\$ 50 bilhões, dos quais R\$ 14 bilhões junto ao Banespa. Destes, R\$ 4 bilhões destinavam-se a cobrir as aposentadorias dos funcionários do banco do estado.

A venda destes títulos não poderia ter sido realizada, já que não havia autorização do Senado para isto. Pelo contrário, os papéis eram considerados “inegociáveis e intransferíveis”. A federalização foi aprovada pelo Senado em 1997, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, como parte do processo de privatização de estatais estaduais. A CPI é uma iniciativa do deputado Nelson Marquezelli (PTB-SP) e já conta com um número considerável de assinaturas para a sua criação.

### VENDA ILEGAL

O presidente da Associação de Funcionários do Banespa (Afubesp), Paulo Salvador, explica que a primei-



*Almir Aguiar repudiou a postura da Fenaban nas negociações e convocou os bancários para construir a greve nacional, caso os banqueiros não apresentem uma proposta justa*

ra consequência da venda dos títulos federais foi o congelamento das aposentadorias dos funcionários do banco, entre 2001 e 2007. “Apesar de não estar autorizado a vender os R\$ 4 bilhões em papéis federais, o Santander o fez, e, na época, garantiu que não haveria problemas para bancar os benefícios dos 15 mil aposentados do Banespa, o que não se confirmou”, conta.

“Ou seja: o Santander vendeu os

títulos, fez caixa e não reajustou as aposentadorias. A CPI é para saber por que vendeu os títulos, quem autorizou, e, com isto, obrigar o Santander a aplicar os reajustes”, acrescentou Salvador. Ele esteve no Rio, no último dia 6, e, na véspera, participou de audiência pública na Câmara dos Deputados.

### AUDIÊNCIA PÚBLICA

Durante a audiência pública, no dia 5, na Câmara dos Deputados, parlamentares e dirigentes de entida-

des sindicais cobraram da direção do Santander Brasil a retomada imediata das negociações. A sessão foi presidida pela deputada federal e ex-senadora Emilia Fernandes (PT-RS), que requereu a reunião, em junho, após receber carta da Contraf-CUT denunciando a ocorrência de demissões, o pagamento de bônus para executivos e de PLR rebaixada para os trabalhadores e o desrespeito com os aposentados.

Convidado, o presidente do banco espanhol, Fábio Barbosa, não compareceu, mandando para representá-lo o superintendente de Relações Sindicais, Jerônimo dos Anjos. Também foram ouvidos os presidentes da Contraf-CUT, Carlos Cordeiro; do Sindicato dos Bancários do Rio, Almir Aguiar, e de de São Paulo, Luiz Cláudio Marcolino; da Afubesp, Paulo Salvador; da Afabesp, Yoshimi Onishi; e o coordenador da Comissão Nacional dos Aposentados do Banespa, Herbert Muniz.

Almir lembrou que, com as fusões, os bancos têm demitido em massa. “O Santander, um banco estrangeiro que teve um lucro extraordinário no Brasil, não tem justificativa para demitir. Exigimos a abertura imediata de negociações para tratar do assunto”, afirmou.

## 6ª Marcha Nacional da Classe Trabalhadora

Nesta quarta-feira dia 11, em Brasília. Entre os eixos principais da manifestação estão: a redução da jornada de trabalho sem diminuição do salário, valorização do salário mínimo, novo marco regulatório que garanta o controle estatal e social do petróleo, combate à terceirização e à precarização nas relações de trabalho e aumento real para os benefícios da aposentadoria acima do salário mínimo e regras para que mais brasileiros se aposentem por tempo de contribuição, com 100% dos benefícios. Veja na página 3: CUT protocola, na OIT, denuncia contra o uso de interditos proibitórios nas greves.

## Reunião de delegados sindicais da Caixa e do BB

Nesta sexta-feira, dia 13, às 10 horas, no Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Processamento de Dados (Sindpd), na Avenida Presidente Vargas, 502, 13º andar, Centro.

Tema: desdobramentos da campanha salarial.

## FALA, PRESIDENTE!



## Valeu, bancários!

Em nome da diretoria do Sindicato, venho agradecer a você, bancário e bancária, que participou da greve vitoriosa que garantiu avanços para toda a categoria.

Realizamos a mais forte greve dos últimos vinte anos. Além da forte mobilização, vencemos também no campo jurídico. Seguidas vezes, nosso Departamento Jurídico conseguiu, na Justiça do Trabalho,

impedir que o artifício imoral do interdito atrapalhasse o nosso legítimo direito de greve garantido pela Constituição Federal.

A nossa greve, pelo alto nível de participação, foi vitoriosa. Quero prestar minha homenagem a você, que participou da greve e mesmo àqueles que, por pressão, se viram impossibilitados de aderirem ao movimento. Sei que, no fundo dos corações, bateu um sentimento de indignação contra os bancos, que insistem em não valorizar o nosso trabalho. E este sentimento nos deu força para enfrentar a intransigência dos bancos.

## OS AVANÇOS

Venceu a solidariedade da categoria. Após bater pé firme no índice de 4,5% para o reajuste e uma PLR rebaixada, os bancos foram dobrados pela mobilização nacional e pela força da nossa greve. Não apenas elevamos o reajuste para 6%, garantindo, além da reposição da inflação, o aumento real pelo sexto ano consecutivo, como conseguimos um avanço histórico na PLR, fazendo com que o adicional seja uma garantia para sempre, prevista na Convenção Coletiva e definitivamente livre da variação do lucro das empresas.

Conquistamos também uma vitória que é especialmente das mulheres, ampliando a licença-maternidade para seis meses, como prevê a legislação. E vencemos uma batalha importante contra a discriminação através da isonomia de tratamento para os homoafetivos em relação ao plano de saúde.

No Banco do Brasil, o aumento de 3% sobre todas as faixas do Plano de Cargos e Salários (PCS), que, somado ao reajuste da Fenaban (6%), garantiu um importante passo para a recuperação do poder de compra do funcionalismo.

A direção da Caixa Econômica Federal destoa do discurso e das propostas do governo Lula em defesa do trabalhador. A empresa saiu da mesa de negociação e ameaçou ir ao Tribunal Superior do Trabalho (TST). Não demonstrou o menor respeito com os trabalhadores. Mas os empregados resistiram, numa greve heróica. Vencemos a truculência do banco. Tiramos das mãos do TST a decisão da campanha salarial e impedimos o desconto dos dias parados. Sabemos que não foi o acordo de nossos sonhos, mas foi o possível. Conseguimos uma vitória em relação a um contexto contexto adverso.

Há muito o que avançar, nós sabemos. Saúde, segurança, isonomia, garantia no emprego e o fim do assédio moral são itens que precisam e vão ser debatidos de forma permanente com todos os bancos. Queremos ver resultados também nestas questões.

Mais uma vez ficou claro que, com a nossa mobilização e unidade nacional, conseguimos melhorar, a cada ano, o Acordo Coletivo. Nos últimos seis anos, o piso dos bancários cresceu 17,8%. Graças à mobilização de cada bancária e bancário. Mas a campanha não termina. É permanente.

Que possamos continuar juntos. Contem sempre com o nosso Sindicato. Valeu, bancários!

**Almir Aguiar**

**Presidente do Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro**

**Filiado à Contraf-CUT**

## HOMENAGEM A ZUMBI

## Sindicato realiza de 16 a 20 a I Semana da Consciência Negra

Com debates, exibição de filmes, lançamento de livro, palestra, música e um ato no monumento a Zumbi, o Sindicato realiza, de 16 a 20 de novembro, sempre às 18h, no auditório da entidade, a I Semana da Consciência Negra, uma atividade da Secretaria de Políticas Sociais.

A abertura no dia 16 contará com uma mesa de debates sobre ações afirmativas. Está prevista a participação de Marcelo Dias (MNU), Aroldo Antonio (Congresso Nacional de Negros e Negras), Glória Maria Ramos (Simprou-RJ), Gilberto Palmares (deputado estadual do PT-RJ) e Cláudia Vitalino (Unegro/CTB).

O tema do dia 17 são os aspectos jurídicos e raciais da liberdade religiosa, com Carlos Nicodemos (Combate à Intolerância Religiosa), Frei Tatá, Marilena Mattos (sacerdotisa de umbanda), Suzete

Paiva dos Santos (Glaune/Unegro).

Já no dia 18, o tema vai girar em torno da discriminação e da segurança pública. Para o debate, virão o ex-secretário estadual de Segurança Pública coronel Ubiratan Angelo e Antonio Carlos dos Santos (Unegro/CTB).

Nesse mesmo dia, haverá o lançamento do livro *Zumbi*, do diretor do Sindicato Renato Lima, com ilustrações de Graça Lima. O Diesse contribuirá com uma abordagem sobre o negro no mercado de trabalho.

No dia 19, às 19h, as atividades no auditório do Sindicato terão encerramento com a apresentação de dança. O *charme* tomará conta do salão.

Em 20 de novembro comemorará o Dia da Consciência Negra. Desde a manhã haverá atividades no monumento a Zumbi, na Praça Onze, no canteiro central da Avenida Presidente Vargas.

## Pane no ar-condicionado do prédio do Sedan do BB

O ar-condicionado do maior prédio do Banco do Brasil no Rio de Janeiro está em pane desde o fim de outubro. Como consequência, os 42 andares passaram a registrar temperaturas elevadas, trazendo extremo desconforto para mais de mil pessoas que ali trabalham. O ambiente ficou ainda mais insalubre devido ao aumento da temperatura em toda a cidade.

Diante das reclamações dos funcionários, o Sindicato se reuniu na quinta-feira (5/11) com Rosângela Schuch, gerente do Centro de Serviços de Logística do Banco do Brasil do Rio de Janeiro, para cobrar uma solução para o problema. Segundo ela, o mantenedor e o fabricante do equipamento foram convocados durante a greve, constataram o vazamento de produto químico, que se misturou à água da refrigeração, tornando-o inoperante. Uma das três máquinas responsáveis pela refrigeração do prédio foi desativada para que houvesse manutenção, porém as duas restantes, que seriam suficientes para a climatização do prédio, mostraram baixo rendimento.

## SOLUÇÃO

A gerente se comprometeu a resolver parcialmente o problema em

dez dias. Inicialmente, seriam substituídas válvulas e adicionado produto químico nas duas máquinas, em funcionamento, aumentando a refrigeração da água. A gerente acrescentou que a solução definitiva se daria em seis meses, com a substituição de todas as máquinas.

“Nossa expectativa é que a situação seja resolvida o mais breve possível, e que o banco priorize resguardar a saúde e as condições de trabalho dos funcionários, zelando por um ambiente salubre e confortável”, afirmou o diretor do Sindicato Naide Ribeiro. Murilo Silva, também diretor da entidade, advertiu que o Sindicato continuará acompanhando a situação e cobrando a implementação nos prazos estabelecidos.

## GECEX

Como se não bastasse o problema do ar-condicionado, na semana passada caiu o rebaixamento do teto da Gerência de Comércio Exterior, que funciona no quinto andar do Sedan. Apesar do susto, ninguém se machucou. Mas, agora, começam a aparecer rachaduras em uma outra parte do rebaixamento. A situação exige uma solução imediata do banco para evitar novo acidente.

# Presidente da CUT denuncia interdito à OIT

No último dia 3, dirigentes da CUT, das demais centrais sindicais brasileiras e do MST estiveram em Genebra, protocolando denúncia na Organização Internacional do Trabalho (OIT) sobre várias práticas anti-sindicais utilizadas pelos patrões no Brasil, entre elas o interdito proibitório. Muito conhecido pelos bancários, o interdito é um instrumento da Justiça Cível, largamente usado pelos banqueiros para tentar impedir greves e mobilizações.

Artur Henrique, presidente nacional da CUT, representou a Central na audiência com o diretor-geral da OIT, Juan Somavia, a quem as denúncias foram feitas. A audiência foi marcada a pedido das centrais. “Para a CUT, um dos pontos fundamentais da nossa denúncia é o interdito proibitório”, explicou Artur. “A liberdade sindical e de organização está sendo ameaçada e inviabilizada por um mecanismo que nada tem a ver com as relações trabalhistas”, criticou. As centrais e o MST denunciaram ainda à OIT a perseguição e o assassinato de dirigentes sindicais.

## MUTRETA JUDICIAL

Apesar de o interdito ser um expediente cível que trata do direito à proteção da propriedade



*Artur Henrique esteve em Genebra para protocolar denúncia contra o uso do interdito proibitório. Bancos e empresas usam o artifício jurídico para tentar impedir a realização de greves e manifestações dos trabalhadores*

privada, é muito usado pelos patrões, pelo Ministério Público e concedida pela Justiça. Através dele, as empresas do setor produtivo e os bancos conseguem obter liminares proibindo os sindicatos e seus associados de permanecerem próximo às agências e prédios empresariais, e de realizarem manifestações. O descumprimento das

liminares acarreta multas que podem ultrapassar R\$ 500 mil por dia.

A fim de obter as liminares, as assessorias jurídicas patronais alegam que as greves e mobilizações implicam riscos de invasão, como se os trabalhadores fossem tomar para eles a posse das propriedades. “Como um sindicato de bancários, por exemplo, vai dialogar com os trabalhadores e a população em geral durante uma greve, se é proibido ficar a menos de 500 metros de uma agência, por exemplo?”, indaga o presidente da CUT.

## PRESSÃO EM BRASÍLIA

Como mais um passo na luta contra o interdito proibitório, a CUT e demais centrais farão um ato público em Brasília, em frente ao Supremo Tribunal Federal (STF). O protesto deverá acontecer no dia 10 próximo, véspera das atividades da 6ª Marcha da Classe Trabalhadora, coordenada pelas centrais sindicais e que tem como principais reivindicações a definição de um novo marco regulatório para o pré-sal, que garanta o controle estatal e social do petróleo e seus derivados em todo o território nacional, a valorização do salário mínimo, a ratificação das Convenções 158 (que dificulta as demissões) e 151 (que estabelece as regras de negociação no setor público) e a não precarização das relações do trabalho.

## Para delegado da Cooperforte vote Ricardo Maggi e Marcello Azevedo



*Ricardo Maggi nº 62.600*

Marcello Rodrigues de Azevedo e Ricardo Maggi são candidatos a delegado da assembléia geral que elegerá a nova diretoria da Cooperativa de Crédito dos Funcionários dos Bancos Federais (Cooperforte). A eleição vai desta sexta-feira, 6 de novembro, até dia 20 do mesmo mês. A votação pode ser feita pela internet no site [www.cooperforte.org.br](http://www.cooperforte.org.br) com a senha enviada para a residência dos



*Marcello Azevedo nº 13.812*

associados, ou pelo telefone 08007013766.

Marcello é funcionário do BB, diretor do Sindicato e Secretário Executivo de Relações de Trabalho da CUT. Maggi é funcionário da Caixa, ex-diretor do Sindicato, membro da Comissão de Empresa dos Empregados (CEE-Caixa) e tenta a reeleição para delegado da Cooperforte.



## TURISMO

### Ainda há vagas para passeio a Ilha Grande



*Ilha Grande: tranquilidade e paisagens paradisíacas ao alcance dos bancários*

Uma ótima pedida é a excursão a Ilha Grande, de 4 a 6 de dezembro. O passeio custa R\$460 para adultos e R\$350 para crianças de 4 a 10 anos e pode ser parcelado em quatro vezes iguais. Corra e garanta a sua vaga. O

pacote dá direito a ônibus com ar-condicionado, duas diárias na pousada Santana com meia-pensão, caminhadas e passeios pela região. Mais informações pelos telefones 2103-4150/4151.

# O muro caiu há 20 anos. Mas na cabeça de quem?



*Ruínas lembram a queda do muro de Berlim. O capital internacional aproveitou o fato histórico para disseminar as idéias neoliberais no mundo*

Madrugada de 13 de agosto de 1961. A Alemanha Oriental começa a construir o muro de Berlim. A linha de concreto não demarcava apenas os novos limites do país, dividido pelo controle da União Soviética ao leste e dos EUA a oeste, após a vitória dos aliados sobre as tropas nazistas. O mundo estava dividido em dois grandes blocos ideológicos: socialista e capitalista.

Há vinte anos, no dia 8 de novembro de 1989, ainda como consequência do colapso do comunismo soviético, grande parte do povo alemão derrubava o muro. O fato é hoje comemorado pela burguesia e pela mídia como a vitória da “democracia” e do capitalismo. Mas a versão da mídia para o fato esconde verdades que os neoliberais festivos jamais nos contarão.

A primeira é que, certo ou errado, a construção tinha uma função estratégica. Os países socialistas tinham de se defender das tropas da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), um contingente de mais de 1,3 milhão de soldados armados até os dentes, inclusive ogivas nucleares.

Além do aparato militar, os governos socialistas enfrentavam o bombardeio da propaganda capitalista financiada pelos EUA e apoiada pelo Vaticano.

A CIA contribuiu para a derrubada de governos democráticos de esquerda e ajudou a implantar ditaduras de direita no mundo inteiro. Mas, em nome da “democracia”, agiu pesado contra os governos socialistas, inclusive a União Soviética.

## DICOTOMIA IDEOLÓGICA

A revolução socialista de 1917 rompeu a hegemonia capitalista e trouxe décadas de noites de insônia à burguesia internacional.

Quando o muro de Berlim caiu, a propaganda capitalista foi à forra. Anunciaram o “fim da história”, o fim das dicotomias, o fim do comunismo,

o fim de tudo. Não havia momento mais propício para a direita disseminar o neoliberalismo.

Reagan e Margaret Thatcher eram os porta-vozes da nova ordem mundial, inspirada no chamado Consenso de Washington, encontro de intelectuais que deu ao imperialismo capitalista a legitimação acadêmica para disseminar o neoliberalismo.

## NEOLIBERALISMO E O MITO DA MODERNIDADE

No Brasil, a revista *Veja*, as Organizações Globo e toda a mídia, no ano da queda do muro, tiraram o governador de Alagoas, Fernando Collor, do quase anonimato. Banqueiros, capital estrangeiro, mídia, a CIA, todo o aparato investiu alto para inventar e eleger o mito do *Caçador de Marajás*. Conseguiram impedir a vitória de um governo de esquerda, na época encarnado por Brizola e Lula.

O governo desastroso de Collor obrigou as oligarquias a rever seu apoio ao candidato que, sem partido, sem história e sem equilíbrio mental, quase levou o sonho neoliberal à derrocada.

As oligarquias viram no sociólogo, que se dizia social-democrata, um nome mais preparado e confiável. A mídia fez de Fernando Henrique Cardoso o pai do Plano Real e o candidato ideal.

Inspirado pela hegemonia capitalista e com o discurso da “modernidade”, o PSDB de FHC privatizou a Vale do Rio Doce, o Banerj, o Banespa e demais bancos estaduais, a Telebras e as estradas. Foram quase 70 estatais entregues a preço de banana à iniciativa privada. Mais um pouco e teriam privatizado a Petrobras e o Banco do Brasil.

O Estado foi mantido bem longe da economia. Ou seja, colocaram a raposa no galinheiro.

## FATO E VERSÃO

O muro caiu. Para o povo alemão significou a

oportunidade de pais, filhos, irmãos e amigos se reencontrarem. O povo alemão não comemorava o fim do socialismo, mas a unidade de uma nação partida.

A mídia burguesa aproveitou o fato histórico para fazer propaganda ideológica a favor do capitalismo. Venceram um *round* sim, é verdade. Batalha vencida na guerra da informação, da propaganda e da mídia com investimento de milhões de dólares.

Com o muro, tentaram derrubar a esquerda, o socialismo, o nacionalismo e o Estado forte. Levaram milhões de pessoas a acreditar na balela neoliberal com capa de *modernidade*. Resultado: nunca na história do mundo houve tanta acumulação de riqueza. Milhões de trabalhadores foram demitidos. Cresceram a miséria e a desigualdade, inclusive nos chamados países desenvolvidos. A violência explodiu nos campos e nas cidades.

Os neoliberais ainda tentam fazer da queda do muro o triunfo simbólico do capitalismo. Porém, muitos trabalhadores começam a despertar. Venezuelanos, bolivianos, brasileiros, equatorianos. Muita gente começa a perceber a manipulação das elites e não querem o retorno das mazelas causadas pelo neoliberalismo.

Até nos EUA os trabalhadores buscam algo novo, longe da ortodoxia neoliberal aclamada pela direita nos anos 80 e 90. Quem diria. Os norte-americanos buscam hoje realizar em Obama o sonho que há décadas é realidade em Cuba: saúde e educação públicas de qualidade, combate à miséria e um país mais justo.

A mídia conta a sua história, a versão da burguesia, dos banqueiros, dos poderosos. Mas as lorotas neoliberais não enganam mais como no passado.

Há 20 anos o muro caiu, sim. Na cabeça do trabalhador.